

## CEDRO NO CERRADO: PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL SOB A DESVALORIZAÇÃO DAS RAÍZES AFRICANAS DE MINEIROS

Layres Gomes da Silva<sup>1</sup>

Isaque Araujo Neves<sup>2</sup>

Jaqueline da Silva Salim<sup>3</sup>

Marília Gabriela Costa Rezende<sup>4</sup>

**Resumo:** A narrativa do quilombo se entrelaça com uma crítica à dívida social de reparação e aos conflitos agrários no território brasileiro. Pretende-se discutir, portanto, nesse trabalho, como a especulação imobiliária e a precarização pós-abolição impactam diretamente a vida dos quilombolas, evidenciando as dificuldades decorrentes da exclusão social e da negação de seus direitos. Em contraponto a essa realidade, destaca-se a importância da cultura local e da etnobotânica como formas potentes de resistência e resiliência. Sob a ótica de importantes pensadores como Silvia Lane e Frantz Fanon, o trabalho busca explorar a dimensão psicossocial da luta por território, justiça e reparação. A partir dos achados, conclui-se que a psicologia, ao rejeitar uma postura de neutralidade, pode atuar como uma ferramenta de reforma social e de validação dos saberes ancestrais. O trabalho defende que o reconhecimento da experiência e da ancestralidade quilombola é um passo fundamental para a promoção da justiça social e a reparação da dívida histórica.

**Palavras-chave:** Comunidade. Quilombo. Terras. Cedro. Psicologia Social.

### INTRODUÇÃO

A Comunidade Quilombola do Cedro, localizada no município de Mineiros, Goiás (GO), representa um caso singular e significativo de resistência e luta pela terra. Diferente de muitos quilombos formados pela fuga de escravizados como exemplo a Comunidade

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia. UNIFIMES- Centro Universitário de Mineiros- GO. E-mail: layres16gomes@academico.unifimes.edu.br

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia na UNIFIMES- Centro Universitário de Mineiros- GO. E-mail: isaqueneves15@academico.unifimes.edu.br

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia na UNIFIMES- Centro Universitário de Mineiros- GO E-mail: jacquesilvasalim989@academico.unifimes.edu.br

<sup>4</sup> Docente do Curso Psicologia na UNIFIMES- Centro Universitário de Mineiros- GO E-mail: mar\_iliagab@unifimes.edu.br

Quilombola Buracão, localizada também em Mineiros, Goiás, a história do Cedro tem sua origem a partir da alforria de um ex-escravo, Francisco Antônio de Moraes, conhecido como Chico Moleque. Em 1885, ele adquiriu uma parte de terras na Fazenda Flores do Rio Verde, onde o quilombo foi estabelecido. Destaca-se que o nome da comunidade é uma homenagem tanto ao córrego Cedro que corta a região quanto à árvore de cedro-rosa presente em suas matas, demonstrando a valorização da terra e a integração da comunidade à natureza local (Thiago, 2011).

A narrativa da comunidade dos quilombos se entrelaça com temas mais amplos de dívida social, conflitos agrários, colonialismo e a necessidade de reparação histórica em relação ao regime de escravidão. A luta por reconhecimento e pela posse da terra é um reflexo das dificuldades enfrentadas por populações vulneráveis no contexto da especulação imobiliária e da precarização pós-abolição, que transformou a terra em uma mercadoria e instrumento de poder econômico e político (Ferreira, 2019). Nesse contexto, este trabalho busca analisar a dimensão psicossocial da luta por território, justiça e reparação na Comunidade Quilombola do Cedro (Mineiros, GO), explorando como a desvalorização das raízes africanas impacta a vida quilombola, e demonstrando a cultura local e os saberes ancestrais como eixos centrais de resistência e atuação não-neutra da Psicologia Social.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização dessa pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, exploratória e de caráter bibliográfico, originada a partir da leitura da dissertação de Fernando Thiago, intitulada *A Comunidade Quilombola do Cedro, Mineiros-GO: Etnobotânica e Educação Ambiental* (2011), cuja leitura despertou o interesse dos pesquisadores pela temática quilombola. A partir desse ponto, desenvolveu-se uma análise bibliográfica de caráter interpretativo, apoiada em obras da Psicologia Social Crítica e da filosofia decolonial, com o objetivo de compreender a dimensão psicossocial da luta por território e o processo de desvalorização das raízes africanas da Comunidade Quilombola do Cedro (Mineiros-GO).

A análise foi complementada pelas obras de Sílvia Lane (2006), *O que é Psicologia Social*, e Frantz Fanon (2005), *Os Condenados da Terra*, que ofereceram aportes críticos para a interpretação psicossocial e decolonial da luta por território. Como fontes complementares, foram consultadas publicações do INCRA (2025), dados do Mapa de Conflitos Envolvendo

Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil (FIOCRUZ, [s.d.]) e as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) junto aos Povos Quilombolas (CFP/CREPOP, 2024/2025).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da Comunidade do Cedro é considerada inseparável da trajetória de Francisco Antônio de Moraes, o Chico Moleque. Nascido escravo, ele conquistou sua alforria, a de sua esposa, Rufina, e a de sua filha, Benedita, através de seu trabalho nos domingos e feriados. Em um ato de grande autonomia em 1885, Chico Moleque adquiriu cerca de 1.379 hectares da Fazenda Flores do Rio Verde, estabelecendo o território que se tornaria o quilombo do Cedro (Thiago, 2011). Esta origem peculiar, baseada na aquisição da terra e da liberdade, contrasta com as formações de outros quilombos, mas não diminui a importância da luta contínua por sua manutenção. A comunidade, que também foi palco da migração para a região em busca de ouro, valoriza a terra como um pilar de sua existência e sobrevivência (Thiago, 2011).

A cultura do Quilombo do Cedro se distingue por sua profunda conexão com a natureza. A etnobotânica, que é o estudo do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas, é uma prática central para a comunidade (Thiago, 2011). O saber sobre as plantas medicinais não é apenas uma forma de tratamento, mas também uma prática de socialização e resistência cultural. A transmissão desse conhecimento, que ocorre tanto em um laboratório comunitário quanto oralmente nas residências, é um exemplo de como a comunidade se apoia na sua ancestralidade para garantir o bem-estar e a saúde. A preservação da biodiversidade está intimamente ligada à manutenção da cultura e do conhecimento tradicional (Thiago, 2011).

Além disso, destaca-se como a questão da luta pela terra é um tema central na história do Cedro. A comunidade vinha cobrando agilidade do INCRA na publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), um passo crucial para a regularização fundiária que aconteceu tardiamente em janeiro de 2025, perdendo parte expressiva de seu território que hoje corresponde a cerca de 589,817 hectares (Incr, 2025). O processo de reconhecimento é complexo e burocrático, com a elaboração do RTID sendo uma das fases mais difíceis, documentando a história da comunidade, sua formação e a ocupação do território. Essa disputa reflete a transformação da terra em mercadoria e instrumento de poder no território goiano. Os conflitos agrários são evidentes, e a criminalização de movimentos de resistência como as ocupações ilustra a dificuldade de acesso à terra para as comunidades tradicionais. A situação da comunidade foi agravada pela especulação imobiliária, que causa impactos socioambientais

como desmatamento e alteração no uso tradicional do território, além da diminuição significativa de seu território mesmo com o reconhecimento dado pelo INCRA. Esse cenário de conflitos e exclusão evidencia a dívida social de reparação para com os povos quilombolas, manifestada na precarização da vida e na negação de direitos (Ferreira, 2019).

O sofrimento das comunidades quilombolas resulta de injustiças sociais e da negação de direitos, não se restringindo à dimensão individual. A colonização, conforme assinalado por Frantz Fanon (2005), foi um processo de invasão não só de territórios, mas da própria humanidade que através de uma violência profunda, buscando apagar as raízes e a cultura africanas, negando a humanidade dos povos escravizados e impondo uma visão de mundo eurocêntrica como única legítima. A escravidão foi, portanto, um mecanismo de desumanização que buscava anular a identidade, a história e a ancestralidade do povo.

O "pagamento" por essa herança cultural negada é a dívida histórica de reparação. Essa dívida vai além de questões econômicas ou territoriais, exigindo o reconhecimento e a valorização das contribuições africanas para a formação da sociedade brasileira. A cobrança se manifesta na busca pela afirmação de identidades, valorização de tradições e garantia de direitos para corrigir as desigualdades históricas, sendo a luta do Quilombo do Cedro a materialização dessa demanda. A verdadeira reparação é a descolonização do pensamento e da sociedade, aceitando que a cultura e a história ancestral são pilares fundamentais da identidade brasileira. A luta de comunidades como o Cedro é por justiça, dignidade e por direitos, com suas raízes, sua história e seu território.

A psicologia social, em especial a abordagem crítica proposta por Silvia Lane (2006), oferece uma visão fundamental para analisar a realidade das comunidades quilombolas. Essa perspectiva ilumina a dimensão coletiva da exclusão, em vez de focar no sofrimento individual. A proposta de Lane rejeita a ideia tradicional de neutralidade na psicologia, reconhecendo que o sofrimento e os problemas sociais têm raízes históricas e políticas e não são falhas pessoais dos indivíduos.

Dessa forma, ao se implicar politicamente, a psicologia social pode atuar como uma ferramenta de reforma social, ajudando a entender como a identidade, a cultura e a história de uma comunidade se constroem a partir das lutas diárias pela sobrevivência e pela dignidade. Ao valorizar essas narrativas e modos tradicionais de vida e a compreensão do território como elemento subjetivo e político, a psicologia social contribui para desconstruir a invisibilidade imposta pela sociedade hegemônica, desafiando a lógica colonial. Ela evidencia que a opressão e a alienação são fenômenos sociais que afetam a saúde mental e o bem-estar de toda a

comunidade. Essa abordagem defende que a prática da psicologia deve ser pautada no território, na etnicidade e na multiplicidade cultural, exigindo que a intervenção seja sensível às especificidades da vida quilombola. Em suma, a psicologia social é uma aliada na luta por direitos, ao evidenciar que a saúde e a autonomia de uma comunidade dependem diretamente de sua capacidade de reafirmar quem são e de resistir às estruturas de opressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou a dimensão psicossocial da luta por território, justiça e reparação na Comunidade Quilombola do Cedro, em Mineiros (GO), explorando o impacto da desvalorização das raízes africanas e demonstrando a cultura local e os saberes ancestrais, como a etnobotânica, como eixos centrais de resistência. Ao longo da pesquisa foi possível perceber a importância da construção de um olhar da psicologia social sobre as comunidades marginalizadas, fortalecendo o resgate à história e ancestralidade desses povos, para desafiar a lógica colonial e desconstruir a invisibilidade, demonstrando que o sofrimento psicossocial possui raízes históricas e políticas.

A análise demonstrou que a valorização dos saberes quilombolas e a atuação da psicologia como ferramenta de reforma social contribuem para a justiça social e a reparação histórica. A valorização desses saberes, como destaca Fanon (2005, p. 119), é um passo para "a descolonização do ser". Desse modo, reconhece-se a relevância de novos direcionamentos de pesquisa da Psicologia que se aproximem das realidades quilombolas, contemplando suas dimensões subjetivas, históricas e coletivas. Embora o presente estudo tenha se desenvolvido a partir de uma análise bibliográfica, espera-se que novas pesquisas sejam feitas para dar voz às comunidades e revelar, a partir de suas próprias narrativas, os modos de produção de saber, resistência e pertencimento.

Ampliar o diálogo entre a Psicologia Social e as epistemologias quilombolas constitui, portanto, um caminho promissor para o fortalecimento de práticas comprometidas com a descolonização do saber e a valorização das identidades afro-brasileiras. Para estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisa de campo com metodologias participativas junto à Comunidade do Cedro para aprofundar a compreensão das práticas de etnobotânica e da transmissão oral de saberes como formas de resiliência psicossocial. Recomenda-se, também, o aprofundamento na rica cultura local e na luta por território e identidade, bem como análises

que explorem a atuação da Psicologia Comunitária e Social, focando na interface entre saúde mental, território e etnicidade.

## REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) junto aos Povos Quilombolas**. Brasília: CFP/CREPOP. (Versões mais recentes, como a de Consulta Pública de 2024 e a 1ª Edição de 2025)

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Enilce G. de Souza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, A. J.; Silva, K. K. R. **Conflitos Agrários no Território Goiano: Um Debate Sobre Terra, Violência e a Atuação dos Órgãos de Controle**. R. Themis, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 35-59, jan./jun. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Comunidade Quilombola Cedro de Mineiros (GO) tem seu território reconhecido pelo Incra**. Brasília, 6 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/reconhecida-como-territorio-quilombola-a-comunidade-cedro-em-mineiros-go>. Acesso em: 3 set. 2025.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasília, 2006.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. GO – **Comunidade quilombola de Cedros cobra do INCRA agilidade na publicação do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID)**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, [s.d.]. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-comunidade-quilombola-de-cedros-cobra-do-incra-agilidade-na-publicacao-do-relatorio-tecnico-de-identificacao-e-delimitacao-rtid/>. Acesso em: 03 set. 2025.

SANTOS, A. B. V. et al. **Práticas Formativas em Psicologia Social: Contribuições de Diálogos Inter-Epistêmicos com Povos Indígenas e Quilombolas**. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, vol. 36, 2024.

THIAGO, F. A. **Comunidade Quilombola do Cedro, Mineiros-GO: Etnobotânica e Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2011.